FRONTEIRAS
REVISTA DE HISTÓRIA
OPEN ACCESS
PPGH Programa de Pós-Graduação em História
DOI: https://doi.org/10.30612/frh.v27i50.20694

A primeira expedição da "Bandeira Piratininga" em 1937: entre o *ufanismo paulista* e a ênfase ao "pioneirismo"

La primera expedición de la "Bandeira Piratininga" en 1937: entre el "ufanismo paulista" y el énfasis en el "pioneirismo"

The first "Bandeira Piratininga" expedition in 1937: Between "ufanismo paulista" and the emphasis on "pioneirismo"

Juliana Cristina da Rosa
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT
juliana.rosa@ufmt.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1277-7063

Resumo

Este artigo tem como principal objetivo apresentar uma análise de narrativas produzidas sobre a primeira expedição da dita "Bandeira Piratininga", realizada em 1937, dando ênfase às *relações de poder* e *práticas sociais* coevas perpassadas pelo que Queiroz (1992) categorizou como *ufanismo paulista.* A partir da análise de narrativas jornalísticas, sobretudo dos periódicos paulistas *Folha da Manhã, Folha da Noite, Correio Paulista* e *A Tribuna,* foi possível identificar as especificidades deste fenômeno resultante da disputa pelo poder entre São Paulo e o Poder Central de Vargas que marcaram a década de 1930. Tais narrativas deram ênfase ao "pioneirismo" da iniciativa privada, com apoio da Imprensa Paulista, que resultou na realização da "Bandeira Piratininga" antes de inciativas estatais como a Marcha para o Oeste. Concomitantemente, tais fontes documentais apresentam a exaltação de Willy Aureli como "desbravador", "sertanista", "bandeirante". Portanto, o jornalista paulista foi representado como agente da "civilização" e da "modernidade" em contraposição aos povos indígenas e outros habitantes do "Brasil Central" por onde avançou aquela primeira expedição.

Palavras-chave: Willy Aureli; Sertão; Brasil Central.

Abstract

This article aims to analyze the narratives produced regarding the first expedition of the so-called "Bandeira Piratininga" in 1937, emphasizing the power relations and contemporary social practices permeated by what Queiroz (1992) categorized as *ufanismo paulista*. Based on the analysis of journalistic narratives, particularly from the newspapers *Folha da Manhã*, *Folha da Noite*, *Correio Paulista*, and *A Tribuna*, it was possible to identify the specificities of this phenomenon resulting from the power struggle between São Paulo and the Vargas Central Power during the 1930s. These narratives emphasized the 'pioneering spirit' of private initiative, supported by the São Paulo press, which led to the Piratininga expedition prior to state initiatives such as the 'March to the West' (*Marcha para o Oeste*). Concomitantly, these sources exalt Willy Aureli as a 'pathfinder', 'backlander', and 'bandeirante'. Thus, the journalist was represented as an agent of 'civilization' and 'modernity' in contrast to the indigenous peoples and other inhabitants of Central Brazil through which the expedition advanced.

Keywords: Willy Aureli; "Sertão"; Central Brazil.

Resumen
Este artículo tiene como principal objetivo presentar un análisis de las narrativas producidas sobre la primera expedición de la llamada 'Bandeira Piratininga', realizada en 1937, enfatizando las relaciones de poder y las prácticas sociales coetáneas atravesadas por lo que Queiroz (1992) categorizó como *ufanismo paulista*. A partir del análisis de narrativas periodísticas, sobre todo de los periódicos paulistas *Folha da Manhã*, *Folha da Noite*, *Correio Paulista* y *A Tribuna,* fue posible identificar las especificidades de este fenómeno, resultante de la disputa por el poder entre São Paulo y el Poder Central de Vargas que marcó la década de 1930. Tales narrativas enfatizaron el 'pionerismo' de la iniciativa privada que, con el apoyo de la prensa paulista, resultó en la realización de la 'Bandeira Piratininga' antes de iniciativas estatales como la 'Marcha para el Oeste'. Concomitantemente, dichas fuentes documentales presentan la exaltación de Willy Aureli como 'desbravador', 'sertanista' y 'bandeirante'. Por lo tanto, el periodista paulista fue representado como un agente de la 'civilización' y de la 'modernidad' en contraposición a los pueblos indígenas y otros habitantes del 'Brasil Central' por donde avanzó aquella primera expedición.

Palabras clave: Willy Aureli; Sertão; Brasil Central.

Introdução

Este artigo tem como principal objetivo apresentar uma análise de narrativas produzidas sobre a primeira expedição da dita "Bandeira Piratininga" realizada em 1937 dando ênfase às *relações de poder* e *práticas sociais* coevas, influenciadas pelo *ufanismo paulista,* que resultaram na exaltação do "pioneirismo" da "Bandeira Piratininga" antes da Marcha para o Oeste de Vargas e de Willy Aureli como "desbravador", "sertanista" e "bandeirante".

Ao longo de mais de três décadas, as ações da "Bandeira Piratininga" resultaram na produção de diversas fontes que constituem um *corpus* documental significativamente amplo. Contudo, para esta análise foram selecionadas narrativas jornalísticas que circularam naquele ano de 1937 na imprensa paulista, sobretudo na *Folha da Manhã, Folha da Noite, Correio Paulista* e *A Tribuna,* periódicos com um número maior de notícias disponibilizadas na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

CC BY NC SA

1. “Bandeiras” saindo de São Paulo rumo ao “Brasil Central” na década de 1930

A partir de 1937 ocorreu um movimento nomeado e conhecido como “Bandeira Piratininga”, constituído por jornalistas, cientistas, militares e outros agentes históricos, geralmente paulistas, que se dedicaram à realização de expedições que saíam de São Paulo em direção ao dito “Brasil Central” e/ou “Sertão” situado na parte central do Brasil. Tais ações se somavam à produção/edição de filmes, realização de palestras, escrita de livros e narrativas jornalísticas diversas elaboradas a partir dessas experiências, o que seria a “parte cultural”, conforme categorizado por Aureli (1963), e que ocorreram até a década de 1960.

Naquela mesma década, outros movimentos expedicionários ocorreram e, segundo Murari (2024, p. 05), seriam parte de “empreendimentos exploratórios” que ocorriam por “iniciativa de indivíduos ou grupos privados” com diferentes interesses “esportivo, aventureiro, exploratório, jornalístico, científico, artístico-cultural”, além de busca por jazidas de ouro e diamantes no “Brasil Central”, antes mesmo da Expedição Roncador-Xingu estatal.

Dentre estes movimentos, dois se identificavam como “Bandeira Anhanguera” e a “Bandeira Piratininga”, nomes que faziam um apelo ao termo “bandeira” para se atrelarem à movimentos de séculos anteriores, seguindo a lógica do *ufanismo paulista* da década de 1930. O mesmo ocorre com os nomes utilizados como diferenciação, sendo que primeiro - Anhanguera – era homenagem ao bandeirante paulista considerado um “herói” histórico de São Paulo, como indicado por Queiroz (1992, p. 85), e o segundo – Piratininga – indicava o local de “origem” das expedições realizadas pelos paulistas em direção aos “sertões” que foram explorados em meio a atividades de apresamento de indígenas e a prospecção de metais e pedras preciosas.

Apesar de suas especificidades, é possível considerar que as expedições conhecidas como “Bandeira Piratininga” e a “Bandeira Anhanguera” tiveram como resultado a produção de narrativas perpassadas por concepções ligadas ao *ufanismo paulista.* Outra aproximação possível é a identificação nestas narrativas de exaltação

BY NC SA

ao "pioneirismo", aos próprios feitos, à coragem de avançar explorando o "sertão" do Brasil Central e a categorização dos povos indígenas como "índios selvagens", "ferozes", descritos sob o signo do exotismo, como analisado por Rosa (2020)[1]. Tais narrativas apresentam a construção de uma oposição entre o *nós* entre "o *outro*", ou seja, de agentes históricos que se colocavam como "civilizados", provenientes de São Paulo sob o signo do "progresso" e "modernidade" em contraposição aos povos indígenas e outros habitantes do dito "sertão" ou "interior" do Brasil.

A "Bandeira Anhanguera" foi liderada pelo jornalista Hermano Ribeiro da Silva que, segundo Maia (2012, p. 109-110), havia percorrido o leste de Mato Grosso na década de 1920. A partir dessa experiência, em 1932, organizou uma expedição ao Médio Araguaia, em companhia de outros paulistas como o sertanista Francisco Brasileiro, Cássio de Campos e Oscar de Campos Viana, como destacou Montecchi (2001). Depois da viagem publicou em 1936 o livro "*Garimpos do Mato Grosso: Viagens ao Sul do Estado e ao lendário rio das Garças*" que seria uma narrativa das suas duas primeiras viagens ao "sertão".

A partir dessa publicação, Hermano Ribeiro da Silva ganhou uma projeção e foi nomeado chefe da "Bandeira Anhanguera" que realizou, durante a década de 1930, quatro expedições ao "sertão do Araguaia", no "Brasil Central", chegando até a Ilha do Bananal. Em sua outra obra, intitulada "*Nos sertões do Araguaia: Narrativas da Expedição às Glebas Bárbaras do Brasil Central*", o jornalista Ribeiro da Silva (1948, p. 85) afirma que buscava, a partir da análise de documentos, a localização de um provável "tesouro" em explorações como a realizada na viagem que havia feito em 1935. Dois anos depois, em 1937, o jornalista realizou a última viagem da "Bandeira" com membros como Affonso Taunay.

Como indicado por João Marcelo Ehlert Maia (2012, p. 109-110), essa expedição parou de ocorrer após a morte do seu líder em meio à viagem de 1937. Contudo, outras narrativas foram produzidas por outros membros como o livro "*Na*

[1] Ressalta-se que essa dinâmica estava presente em narrativas de "viajantes" europeus e do litoral do país, sobretudo no século XIX, as quais destacavam a necessidade de "expansão para o capital e a *civilização* europeia" sobre o "sertão", uma fronteira, constituindo um "lugar privilegiado onde os discursos se detém para diagnosticar o *atraso* da nação e aferir suas possibilidades de encurtar as distâncias que a separam do modelo europeu de *progresso* e *civilização*", como destacado por Galetti (2012, p. 33).

BY NC SA

Serra do Roncador (A vanguarda da Bandeira Anhanguera)" escrito por Francisco Brasileiro e publicado em 1938.

Concomitantemente à essa tragédia que ocorreu na última expedição da "Bandeira Anhanguera", foi organizada a "Bandeira Piratininga", liderada pelo jornalista paulista Aureli, o qual desenvolveu atividades por décadas. A referida bandeira resultou na coleta de diversos materiais e amostras, bem como na produção de narrativas jornalísticas, elaboração de mapas, registros fotográficos, produções de audiovisuais e publicação de diversos livros.

Ambos os movimentos podem ser inseridos como parte do que Maia (2012) categorizou como um "*boom*" literário de narrativas sobre viagens ao "Brasil Central" que ocorreu naquela década de 1930 marcada por uma significativa ampliação da circulação de narrativas sobre o dito "sertão", situado no "Brasil Central". Maia (2012, p. 104) identifica que narrativas sobre este espaço eram "ainda populares" nas primeiras décadas do século XX, destacando obras como "*De Belém a São João de Araguaia*", publicada por Ignácio Batista de Moura, em 1910, a partir de uma experiência de viagem pelo Rio Tocantins. Em outra análise, Maia (2007) se debruçou sobre narrativas escritas a partir de experiências e reflexões em viagens realizadas por presidentes das províncias de Goiás e Mato Grosso, situadas na parte central do Brasil na segunda metade do século XIX. Uma das obras analisadas foi "*Apontamentos de viagem. D**e** S. Paulo á capital de Goyaz*", publicada em 1882 por Joaquim Almeida Leite Moraes (1835-1895) na qual apresenta narrativas da viagem realizada em parte pelos rios Araguaia e Tocantins (Ertzogue *et al,* 2018, p. 52). Essa obra é posterior à "*Viagem ao Araguaia*" que foi escrita por José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898) a partir de viagens realizadas como presidente de província e mais tarde como empresário de navegação do Rio Araguaia.

Ertzogue *et al* (2018, p. 44-45) apontam a relação existente entre a viagem de Couto de Magalhães e suas narrativas com a ampliação do interesse pelo dito "sertão" do Araguaia. Ao analisar o editorial "O Araguaia e suas maravilhas: enorme riqueza inexplorada", publicado em 27 de maio de 1925 no jornal *O País*, os autores perceberam que Couto de Magalhães está representado como um "desbravador de sertões ínvios, um herói e um empreendedor", seguindo a lógica de destacar um

BY NC SA

"grande homem" que explorou um espaço desconhecido e buscou formas de levar "progresso".

Pode-se também destacar que a primeira edição do livro "*Viagem ao Araguaia*", de Couto de Magalhães, é de 1863 e que, em menos de um século, no ano de 1957, foi lançada a sua sexta edição pela *Coleção Brasiliana*. Maia (2012, p. 106) afirma que foi na edição publicada no ano de 1934 que este livro ganhou "estatuto de clássico", num contexto em que "escritos sobre viagens" passaram a ser republicados, "configurando uma espécie de *boom* literário". Essa dinâmica se amplificou na década de 1930 e pode ser observada nos lançamentos de obras pela "clássica coleção Brasiliana" que Maia (2012, p. 105) considera parte de um "gigantesco projeto editorial conduzido pela Companhia Editora Nacional".

Nestas narrativas o espaço do "Brasil Central" ou "Sertão" é *representado,* a partir de diferentes categorizações e adjetivações como "desconhecido", "isolado", "atrasado", potencialmente repleto de riquezas, mas também de perigos, dentre os quais a presença de povos indígenas categorizados como "selvagens". Seria o "lugar" ao qual seria necessário levar a "civilização", "urbanidade" e "modernidade" a serem conquistadas a partir da percepção do avanço do "progresso", como indicado por Rosa (2020).[2]

Esse "sertão" situado no Brasil Central foi percorrido por expedições que partiam do litoral do país, sobretudo de São Paulo, buscando, num primeiro momento, realizar trabalhos de exploração do espaço e assim projetar análises sobre a natureza e os habitantes locais considerando seus diversos projetos e interesses. Portanto, essas narrativas estão diretamente ligadas à tais práticas entrecruzadas por complexas *relações de poder* que podem ser compreendidas a partir de uma análise crítica sobre a dinâmica que resultou na ampliação da circulação de notícias sobre o "Brasil Central" na primeira metade do século XX.

[2] Galetti (2012, p. 54) destacou que na categoria "sertão" existe uma "densidade semântica" que é "produto das práticas e representações constitutivas do processo colonizador" pois "condensa e expressa, em sua ambivalência e indefinições, o ritmo intermitente, mas constante, da apropriação e modelagem do espaço sertanejo" que antes era domínio da natureza, mas que "vai se tornando um lugar de histórias e, também objeto de uma memória..."

BY NC SA

Lúcia Lippi (2012, p. 09) apresenta uma problematização sobre a categoria "Brasil Central" utilizada na primeira metade do século XX e que servia como referência a um "território desconhecido com limites indefinidos" e "identificado muitas vezes como espaço do sertão". Teria como características ser "inóspito, desconhecido, habitado por índios, animais e população não civilizada", sendo, portanto, convertido em "lugar geográfico ou social" que "recebe uma avaliação ora positiva, ora negativa": "...terra perigosa, mas também terra da promissão, fonte de riquezas e possibilidades". Em diversas narrativas é considerado o lugar "entre inferno e paraíso, dependendo do lugar de quem emite o discurso".

Nesse sentido, Rosa (2020) destaca que esse espaço seria aquele situado no interior e distante do litoral considerado como o *lócus* do "progresso", "civilização", "modernidade" e "urbanidade". Seria, portanto, o espaço ao qual estes ideais seriam levados por agentes históricos capazes, como os paulistas, dentro de projetos alicerçados no *ufanismo paulista* existente nas primeiras décadas do século XX.

Maia (2012, p. 109) se aproxima do entendimento de Queiroz (1992) sobre as dinâmicas envolvidas na construção do *ufanismo paulista* que marcou o movimento de "levante armado de 1932" e embates na Constituinte de 1933/34. Este autor também identifica que a noção de "bandeirante paulista" possuía um significado histórico e geográfico, como alertou Queiroz (1992, p. 85). Assim sendo, São Paulo "surgia nessas releituras como epicentro do ianquismo nativo", um espaço privilegiado "onde a municipalidade, liberdades locais e pioneirismo teriam se ajustado de forma virtuosa". De modo aproximado, Ertzogue *et al* (2018, p. 43) também indicaram que ocorreu, na década de 1920 e 1930, uma "ressignificação do bandeirantismo" nas narrativas sobre o "Brasil Central".

Portanto, ao identificar o nome "Bandeira Piratininga" é preciso considerar que o mesmo faz uma nítida alusão e homenagem aos bandeirantes paulistas, tal qual ocorreu com a "Bandeira Anhanguera", conforme Maia (2012, p. 109-110). Contudo, também é avaliar a presença de elementos nas narrativas produzidas a partir desses

CC BY NC SA

movimentos que permite considerar - tanto as *práticas sociais* quanto às representações[3] envolvidas - como perpassadas pelo *ufanismo paulista.*

Queiroz (1992) analisou diferentes temporalidades nas quais este fenômeno teve maiores reverberações, considerando que a partir de 1920, o *ufanismo paulista* se espalhou, não apenas através de livros de historiadores e escritores, mas por meios de comunicação de massa como jornais, revistas, rádio e cartazes numa conjuntura marcada pelo "levante armado de 1932" e embates na Constituinte de 1933/34.

Vale destacar que esse fenômeno entrecruzava uma temporalidade marcada por significativos conflitos políticos. De acordo com Rodrigues (2009, p. 15), as "disputas pela hegemonia política no cenário nacional brasileiro ganharam novo alento nas décadas de 1920 e 1930" e resultaram na "modificação do papel assumido pela classe dominante paulista no palco diretivo das grandes questões nacionais e no comando de seu próprio território".

Rodrigues (2009, p. 15) ressalta a necessidade de a historiografia analisar, além das motivações políticas para o "levante armado de 1932", as reverberações em termos de uma "memória triunfal e imediata da resistência" que foi útil à "continuidade da tentativa elitista de redirecionar os rumos do país". Dessa forma, buscou-se reproduzir um "culto suntuoso e ufanista" quanto às ações bélicas de 1932 e aos embates na Constituinte de 1933/34 entre paulistas e o presidente Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954) e seus aliados.

Diante disso, por meio de uma breve revisão bibliográfica do *ufanismo paulista,* pretende-se compreender elementos fundamentais para problematizar a existência de movimentos que se autodenominam "bandeiras", liderados por

[3] Ressalta-se que essa abordagem articula compreensões relativas à relação existente entre a produção, reprodução e circulação de representações sobre o que está ausente (passado), como abordado por Chartier (2002, p. 21), que considera que tal dinâmica se realiza em meio a complexas *relações de poder* distintas e específicas à cada uma das suas dinâmicas constituintes. Ademais, essa perspectiva parece oportuna pela incorporação do entendimento de que existe um processo de construção de identidade baseado na oposição entre o *nós* e o *outro* estabelecidos na dinâmica de luta de representações e de conflitos de categorizações resultantes das intencionalidades, interesses que perpassam as relações de poder, como indicado por Chartier (2002, p. 17), buscando assim impor "sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. "

BY NC SA

jornalistas paulistas, em pleno período republicano, especificamente o da "Bandeira Piratininga", na sua primeira expedição.

1937 foi o primeiro ano do Estado Novo que se manteve até 1945, e estava imerso em *relações de poder* envolvendo o Poder Central exercido a partir da capital do Brasil, Rio de Janeiro, pelo presidente Vargas com relação a São Paulo. Este estado detinha poder econômico sustentando argumentações do *ufanismo paulista* de que seria a "locomotiva do país", bem como outras ligadas à sua população que circulavam através dos meios de comunicação da imprensa paulista.

Nesse sentido, tanto o líder quanto o próprio movimento da "Bandeira Piratininga" estavam imersos em *relações de poder* dinâmicas que envolviam paulistas e o Poder Central de Vargas desde a primeira expedição, na qual elementos do *ufanismo paulista* estiveram presentes em suas práticas, bem como nas narrativas produzidas na Imprensa Paulista.

2. O apoio da Imprensa Paulista à "Bandeira Piratininga" em meio à disputa pelo poder com Vargas

Zicman (1985) indica a necessidade de observar o caráter seletivo e limitado presente na utilização da imprensa como fonte histórica, uma vez que, como tal, são produtos sociais perpassados de *relações de poder*. Todavia, este artigo não pretende realizar uma análise aprofundada sobre a Imprensa Paulista e suas *relações de poder*, mas a considerar como importante para se problematizar as ações da "Bandeira Piratininga" que foram apoiadas sobretudo pela *Folha da Manhã* e *Folha da Noite* que, segundo Leonardo Birnfeld Kurtz (2023, p. 24), articularam a captação de recursos financeiros e outros donativos, bem como circularam as narrativas de Aureli, sobretudo na década de 1930.

Este apoio pode ser compreendido considerando primeiramente o fato de que o líder do movimento conhecido como "Bandeira Piratininga" era um jornalista, William Aureli (1898-1968), que atuava em diferentes jornais com o pseudônimo

CC BY NC SA

"Willy". Kurtz (2023, p. 11) indicou que o jornalista era filho de "pai italiano e mãe austríaca", nascido no dia 18 de junho de 1898, em Santos, estado de São Paulo, e que veio à óbito no dia 29 de agosto de 1968, aos 70 anos. Sua ligação com a cidade de São Paulo se deu por seu vínculo em diversos jornais e periódicos paulistas, desde 1924, quando, aos 26 anos, começou a trabalhar na cidade de Santos para o *Jornal da Noite* e a *Gazeta do Povo* e, em 1927, tornou-se chefe da reportagem policial das "Folhas" (*Folha da Manhã* e *Folha da Noite)*" (Kurtz , 2023, p. 11).

Seguindo a informação da filha de Aureli, na nota póstuma da obra "*Bugres no Rio das Mortes*" (Aureli, 1973, p. 08), Kurtz (2023, p. 11), observa que o jornalista relatava ter lutado na Primeira Guerra Mundial na Itália e que, em 1932, "durante as revoltas constitucionalistas", Aureli "teria lutado a favor do regime varguista como subcomandante de uma companhia, em conflitos na região sul". Trata-se, portanto, de um jornalista que liderava uma "bandeira" em 1937, numa conjuntura de disputa entre São Paulo e o poder central de Vargas, cinco anos depois de ter apoiado o presidente no levante armado de 1932.

Apesar deste fato, Aureli conseguiu um significativo apoio da Imprensa Paulista para realização da primeira expedição da "Bandeira Piratininga" em 1937. Nas décadas seguintes, Kurtz (2023, p. 12-13) ressalta que o jornalista "também avançava nos "escalões" da imprensa paulista, tornando-se presidente da Associação Paulista de Imprensa e dos jornais *Diários Associados* e *Shopping News* entre 1954-1957". O jornalista também fez parte do corpo redatorial dos jornais *A Gazeta* (SP) e *O Globo* (RJ), bem como integrou a Sociedade Geográfica Brasileira e a do Rio de Janeiro.

Portanto, é possível considerar o fato do líder da "Bandeira Piratininga" ser um jornalista que atuou em diversos jornais, mas é preciso também destacar que a Imprensa Paulista atuou, na década de 1930, com relação à disputa de poder entre São Paulo e o poder central exercido por Vargas, propondo projetos de nação que perpassavam diferentes correntes ideológicas. Ao analisar como o liberalismo se tornou presentes em jornais paulistas dentre 1920-1945, Maria Helena Capelato (1989) possibilita a compreensão das articulações existentes nas *relações de poder* que envolviam a imprensa paulista no período.

BY NC SA

Para além das complexas práticas de liberais e antiliberais que marcaram sobretudo a década de 1930, numa conjuntura política marcada pelo movimento de "levante armado de 1932" e embates na Constituinte de 1933/34, Capelato (1989, p.25-26) identificou que jornais liberais de São Paulo se opunham a Getúlio Vargas chegando a apoiar a candidatura de Carlos Prestes. Em contraposição, ao assumir o governo central, Vargas impôs censura aos jornais liberais que contribuíram com o "levante armado de 1932".

Contudo, um dos pontos destacados por Capelato (1989, p.29) é o de que a imprensa paulista liberal teve como tema principal a demonstração do atraso econômico do Brasil em comparação às grandes potências internacionais, de modo que a "formação econômica" e a "formação racial" brasileira seriam inferiores. Haviam diferentes projetos de nação em disputa nos jornais, dentre as quais se destacam posições favoráveis à concepção de São Paulo como liderança do país e o epicentro de onde o "progresso" seria irradiado, se alinhando a elementos centrais presentes na tese eugenista de Francisco José Oliveira Vianna (1883-1951). Para esse escritor, São Paulo teria concentrado um "núcleo de população" classificado como de "eugenismo superior", como observou Capelato (1989, p.33).

Essa percepção e outras presentes em jornais das décadas de 1920 a 1940 podem ser consideradas elementos do *ufanismo paulista* e que se mesclavam com projetos de nação diversos. A título de exemplo, pode ser indicada a nota "*A Bandeira Paulista*" publicada por Luciana Nogueira no jornal *A Tribuna* (28/10/1934, p. 18) na qual pode ser identificada a exaltação da "bandeira do estado de São Paulo" após o levante armado de 1932. A autora destaca cada cor e finaliza ressaltando que o vermelho seria a "rubra cor do sangue que corre nas veias do bandeirante" e seria como uma "labareda ardente que alimenta este culto sagrado" indicando que o nome fazia menção ao do local de onde saíram as bandeiras históricas.

Apesar do *ufanismo paulista,* Capelato (1989, p. 66) percebe que, com a consolidação do poder do Estado Novo (1937-1945), ocorreu uma aproximação com relação a Vargas de jornais como *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*, os quais, com suas apologias ao "agrarismo", consideravam que o Brasil poderia se tornar o celeiro produtor do mundo. Nesse sentido, a Marcha para o Oeste era apoiada enquanto

CC BY NC SA

política governamental e como possibilidade de iniciativas particulares que se alinhavam ao apelo pelo "fim do atraso e a conquista do progresso" do qual São Paulo era colocado como ponto irradiador.

Ressalta-se que a Marcha para o Oeste não havia tomado forma de política pública ou projeto de governo quando ocorreu a primeira expedição da Bandeira Piratininga. De acordo com Maia (2019, p. 897), a Marcha para o Oeste se consolidou efetivamente com as ações da Fundação Brasil Central (1943-1967) e Expedição Roncador Xingu, iniciada em 1943, que eram parte de uma "campanha de colonização interna lançada no Estado Novo e composta por discursos e iniciativas que buscavam ampliar a presença do Estado nacional nos confins do território nacional".

Naquele ano de 1937, da primeira expedição da Bandeira Piratininga, algumas ações de Vargas indicavam seu interesse em expandir a estrutura estatal no interior como a criação do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER). Num discurso daquele ano, Vargas (1937, p. 123) destacava "feitos destemerosos" e "lances de audácia sobrehumana" ligadas à "epopéia das bandeiras" que teriam travado "lutas épicas pela integridade territorial" sendo considerados no discurso como "os movimentos de rebeldia emancipadora" que "fazem da nossa história uma lição de varonilidade e um exemplo de ação construtiva". Contudo, Vargas não indica se tratar de bandeiras paulistas, mas lideradas por "sertanistas e desbravadores do interior desconhecido" que foram capazes de se adaptarem ao meio físico, dedicando seu "trabalho fecundo" feito, por vezes, as custas do "sangue generoso dos nossos mártires". Entretanto, Vargas (1937, p. 123) destaca que tais feitos foram parte fundamental da história da constituição da Nação e Pátria na qual a "unidade política" possui um valor central em seu discurso que ainda pretende reforçar a necessidade de uma "unidade econômica" que seria alcançada com a incorporação do interior do Brasil as dinâmicas econômicas litorâneas.

Maia (2019, p. 898) avalia que A Marcha para o Oeste "surgiu num contexto em que o debate geográfico era pauta central para o Estado e para as elites que gravitavam em torno do ideário estado-novista", ou seja, ainda que movimentos como a Bandeira Piratininga e Bandeira Anhanguera fossem anteriores à sua oficialização, Vargas alinha discursos e práticas para centralizar as ações estatais. Essa

BY NC SA

dinâmica pode ser compreendida nos anos seguintes a 1937, nos quais ocorreram a criação de conselhos nacionais de geografia e cartografia, bem como do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1938. O debate em torno do conhecimento sobre o interior do país foi incorporado em 1940 no "*Discurso do Rio Amazonas*", republicado na *Revista Brasileira de Geografia* (Vargas, 1942).

Neste discurso, Vargas afirma que, na reforma de 10 de novembro de 1937, a Marcha para o Oeste seria uma "cruzada" no programa do Estado Novo. Nessa ocasião, o presidente apresenta o *slogan* utilizado em propagandas governamentais de que "*o verdadeiro sentido de brasilidade é o rumo ao oeste",* indicando, portanto, a construção de um ideal de identidade nacional que atrelava a busca pela unidade política e econômica a ser consolidada pela realização do avanço sobre interior.

Nesse movimento, as "bandeiras" são colocadas como parte da história da colonização e o paulista Cassiano Ricardo contribui para essa aproximação na obra *Marcha Para Oeste: a influência da bandeira na formação social e política do Brasil*. Editada em 1940, essa obra aproxima os movimentos e organização de bandeiras no século XVI com a Marcha para o Oeste fomentada pelo Estado Novo, conforme Velho (1979, p. 146).

Portanto, pode-se considerar elogios a "bandeiras" ligados à Marcha para o Oeste pelo Estado Novo, porém, sem a incorporação do *ufanismo paulista* justamente pela busca pela centralidade de poder por Vargas, ainda que ações de paulistas tenham contribuído significativamente para a realização de expedições rumo ao "Brasil Central". Nessa conjuntura, embora existam divergência entre meios de comunicação, é possível identificar elementos ligados a *relações de poder* e a projetos de nação que permitem reconhecer interesses que levaram a Imprensa Paulista a apoiar expedições rumo ao "Brasil Central".

Aureli (1966, p. 01) afirmou que essa primeira expedição "teria sido" financiada pela "Folha da Noite da época", ou seja, a "Bandeira Piratininga" estava sendo apoiada pelo jornal paulista a partir do qual foram "escritas cerca de cem reportagens que despertaram desusado interesse". Kurtz (2023, p. 24) considera que ao ter apoio da *Folha da Manhã* e da *Folha da Noite*, "jornal em que trabalhava como redator", Aureli garante quatro "fatores importantes para a manutenção" da

BY NC SA

"Bandeira Piratininga": "1) donativos materiais e financiamento; 2) integrantes para a expedição; 3) publicidade e 4) um veículo de comunicação para expressar suas ideias e defender-se de críticas".

O jornal *Folha da Manhã* (24/05/1937, p. 01) publicou uma reportagem intitulada "*A Expedição de Willy Aureli Desperta Curiosidade em Londres*" na qual se veiculava que a "notícia da grande expedição chefiada pelo nosso companheiro Willy Aureli" havia chegado à Inglaterra onde havia esperança de serem encontrados o Coronel Fawcett[4] e seu filho que desapareceram na Serra do Roncador. Nessa fonte documental ficou expresso que aquela primeira expedição "foi patrocinada pela "Cultura Brasileira" com o apoio integral da *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*".

Nessa mesma reportagem ficou identificada que a "Cultura Brasileira" era "a grande casa editora paulista" que "patrocina totalmente a arrojada empresa", indicando ainda que recebia donativos diariamente, através da recepção da redação do jornal, enviados por "entusiastas" da expedição descrita como uma "empresa genuinamente paulista". Havia um apelo pela doação de medicamentos e a indicação de pessoas doadoras de materiais diversos como mapas de Mato Grosso, doados pelo Sr. Amadeu Nogueira, outros itens, sobretudo armas e utensílios, enviados por empresas como a "firma A. Tavolierie Cia, jornalistas como Jayme Santos, militares como o coronel João Baptista Tavares Cid, bem como por profissionais liberais como o advogado Abreu Junior e o médico Raphael Briganti.[5]

Portanto, é possível identificar que os jornais *Folha da Manhã* e *Folha Tarde* articulavam o patrocínio de recursos e itens para a Expedição Roncador Xingu. Ademais, esta fonte documental indicava que a expedição estava, em 1937, produzindo um "filme de longa metragem" que "documentará todo o extraordinário trabalho dos expedicionários que vão enfrentar o imprevisto sob todos os aspectos". As narrativas jornalísticas faziam apelo à curiosidade e expectativa do início daquela

[4] No livro "Bandeirantes d'Oeste", Aureli (1962b, p. 187-188) afirma que em 1925 havia escrito para o Coronel e pedido para ser integrado em sua expedição e que, apesar de não ser respondido, ficou inspirado e em maio de 1937 conseguiu formar a "Bandeira Piratininga", indo "à cata do austero inglês" que não o havia respondido.

[5] Outras notícias sobre donativos foram publicadas em algumas edições do jornal como: Folha da Manhã [Nota] Mais Ofertas aos Expedicionários da "Bandeira Piratininga". Ano 1937, Edição 4.048, 28/05/1937, p. 18; e Folha da Noite [Notícia] A próxima partida da "Bandeira Piratininga". Ano 1937, Edição 5.054, p. 05, ao indicar que "Continuam os donativos de materiaes à expedição - A lista dos ofertantes".

BY NC SA

que foi a primeira expedição da "Bandeira Piratininga". Na *Folha da Noite* (02/06/1937, p. 5) foi publicada uma notícia que destacava a proximidade da data de partida de Aureli e os demais membros da expedição que estava sendo organizada a partir da atuação desse jornalista e de outros ligados à imprensa paulista.

Ao analisar as dinâmicas envolvidas na organização da "Bandeira Piratininga", o documento escrito por Aureli (1966, p. 01) indica que é "fundada" no dia 25 de janeiro de 1937 e, ao entrecruzá-lo com notícias publicadas em jornais coevos, é possível perceber que em menos de um mês, no dia 15 de fevereiro de 1937, Aureli ofereceu aos seus "colegas e amigos" da imprensa paulista um "aperitivo de despedida" no "Pavilhão Cinzano" no "recinto da Exposição Commemorativa do Cincoentenario da Imigração", conforme *Correio Paulistano – SP* (16/06/1937, p. 15).

Todavia, as articulações de Aureli não se limitaram à Imprensa Paulista. Em algumas notícias de jornais coevos é possível identificar que em meados de junho de 1937, por ocasião da primeira expedição, a "Bandeira Piratininga" entrou como "assunto de expediente" da Assembléia Legislativa de São Paulo no dia anterior à notícia publicada pelo *Correio Paulistano* (17/06/1937, p. 06). Nessa fonte documental é indicado que no momento do "expediente", o jornalista Aureli "pede auxílio financeiro", e que "a Assembleia pretende conceder à "Bandeira Piratininga".

De fato, no ano de 1937, ocorreu a primeira expedição da "Bandeira Piratininga" que avançava sobre o "Brasil Central" e, no dia 7 de julho de 1937, recebeu homenagem em Goiânia, capital de Goiás, como noticiado pelo *Correio Paulistano* (08/07/1937, p. 05) indicando seus membros.[6] Aureli (1964, p. 32) indica que seria este "o grupo da "Bandeira Piratininga" que, em 1937, rompeu a barreira do desconhecido, iniciando a epopeia dos desbravamentos. Dele remanescem apenas quatro". Vale destacar que, além da presença de jornalistas e profissionais ligados a meios de comunicação, a "Bandeira Piratininga" teve apoio do governo

[6] Essa "bandeira" foi chefiada pelo jornalista Willy Aureli" e teve como membros as seguintes pessoas: tenente Gabriel Pereira da Silva, da Força Pública de São Paulo; Clóvis Pereira de Abreu, jornalista; Linneu Pacheco Braga; Henry Julien, operador cinemetographico; Darcy Guimarães; José Mirada; José Corrêa; Nelson Guimarães; Roberto Faro; Benedicto Arruda; Argus Borbani, mais 6 vaqueanos, um guia e vários Karajá.

BY NC SA

paulista para a primeira expedição e contou com a participação do tenente Gabriel Pereira da Silva, da Força Pública de São Paulo.

Numa reportagem da *Folha da Manhã* (24/05/1937, p. 01) foi destacado que este militar, descrito como "Ex comandante da Escolta de Capturas", havia se inscrito para fazer parte daquela expedição. Apesar de um ato voluntário, uma iniciativa descrita como individual, a dispensa do militar para fazer parte da "Bandeira Piratininga" indica o apoio do poder local paulista. Ademais, é importante considerar que em diferentes narrativas jornalísticas as ações dessa expedição foram descritas utilizando elementos característicos do *ufanismo paulista,* principalmente o apelo ao ideal de "pioneirismo" dos bandeirantes.

Dentre as ações desse movimento, a produção de filmes pode ser destacada. Após o retorno da "Bandeira Piratininga", foi lançado o filme "*Nas selvas do Rio das Mortes*" em fevereiro de 1938. Produzido pelos membros da "Bandeira Piratininga", foi noticiado, teve propagandas inseridas em diversos jornais e distribuído em cinemas de São Paulo, como pode ser observado em notícias/propagandas como a que segue:

Figura 1. Propaganda do filme produzido pela "Bandeira Piratininga" (1938)



FONTE: Correio Paulistano, 1938, p. 08.

Ocorreram exibições desse filme em cinemas paulistas como na Sala Vermelha do Cinema Odeon, permanecendo em cartaz nos meses de março e abril também no Cinema S. Bento, como indicado em notícias do *Correio Paulistano* (23/02/1938, p. 02; 24/03/1938, p. 04; 26/03/1938, p. 07), dentre outras. Narrativas utilizadas como parte das ações de propaganda deste filme davam ênfase às ações da "Bandeira Piratininga" categorizadas como sendo "arrojada", destacando a "penetração" dos "sertões".

BY NC SA

Esses elementos da narrativa que reforçavam o *ufanismo paulista* estavam presentes inclusive na edição do *Correio Paulistano* (26/03/1938, p. 07) que destacava ser um filme "dos modernos bandeirantes". Esta expressão une o passado mitológico da figura do bandeirante com o presente no qual os signos da modernidade eram atrelados a São Paulo.

Além do *ufanismo paulista,* essas narrativas buscavam a atenção dos leitores ao espaço, aos habitantes e natureza desconhecidos dos "sertões" que foram percorridos na primeira expedição da "Bandeira Piratininga". Fotografias de pessoas indígenas sem roupas ocidentais, portanto consideradas nuas ou seminuas, eram reproduzidas como forma de chamar a atenção do público curioso pelo exotismo do *outro*. Essa dinâmica ocorria também com relação à fauna exótica, como no *Correio Paulistano* (25/03/1938, p. 06), que trazia a notícia "*Um pirarucu monstro das águas brasileiras no Araguaya*". Essa notícia era inserida numa edição em que havia a propaganda do filme produzido no qual eram apresentadas imagens desse peixe. Vale destacar que também era comum a propaganda do filme ter fotografias de membros da expedição com animais selvagens abatidos, como uma onça no material divulgado pelo *Correio Paulistano* (27/03/1938, p.13) intitulado "*A bandeira Piratininga no cine S. Bento*". Apelando para a curiosidade pelo desconhecido e exótico, este filme e narrativas jornalísticas difundiam as ações da "Bandeira Piratininga" no primeiro semestre de 1938.

Nestas narrativas é possível identificar o apoio da Imprensa Paulista às ações da "Bandeira Piratininga" no ano de 1937, contudo, será necessário desenvolver a análise sobre o *ufanismo paulista* que perpassa tais fontes.

3. O *ufanismo paulista* nas narrativas sobre a primeira expedição da "Bandeira Piratininga" em 1937

Maria Isaura Pereira de Queiroz (1992, p. 79) apresenta uma análise do *ufanismo paulista* ao problematizar símbolos e significados ligados a um "imaginário" do que seria o "ser paulista" e que está diretamente relacionado à "figura mítica do bandeirante". Esta seria, segundo a autora, a maior expressão de uma "coletividade

CC BY NC SA

geograficamente localizada", mas capaz de identificar em seu passado os protagonistas – bandeirantes – que conquistaram o interior para a Coroa Portuguesa numa complexa relação de lealdade e liberdade característica de uma "raça de gigantes".

A concepção de uma existência de um *ufanismo paulista* é uma importante chave analítica e foi construída por Queiroz (1992, p. 80) ao analisar, juntamente com Katia Maria Abud (, narrativas presentes em diferentes documentos nos quais identificou ser do século XVIII a "primeira ligação com as bandeiras" que se efetuava através do termo "paulista". Seria nesta dinâmica que se traçava "a imagem do sertanista desbravador, indômito, cheio de iniciativas, conquistador e rebelde". Essa dinâmica de ligação entre "bandeirante" e "paulista" aparece em obras dos historiadores Pedro Taques de Almeida Paes Leme (1714-1777) e Frei Gaspar da Madre de Deus (1714-1800).

O *ufanismo paulista* reaparece, segundo Queiroz (1992, p. 81), em meados de 1870 com a identificação dos bandeirantes paulistas com aquelas mesmas qualidades atribuídas no século XVIII, mas que estavam ligadas ao "presente". Na segunda metade do século XIX, São Paulo estava no apogeu do desenvolvimento econômico ligado à produção de café e investimentos em vias de comunicação e empreendimentos diversos que seriam uma "demonstração de audácia e de visão" dos paulistas.

Queiroz (1992, p. 82) cita escritos de Alberto Salles (1860?-1910) que buscou, com roupagens racionais e científicas, argumentações de que São Paulo deveria ser independente por seu "espantoso desenvolvimento material". O ufanismo presente nesta narrativa se alicerçava na exaltação do crescimento econômico, sobretudo o industrial, bem como o demográfico, com fluxos migratórios de europeus, e que somariam forças para a realização de prodígios somente alcançáveis pelos paulistas.

Concomitantemente ao *ufanismo paulista* coevo, na segunda metade do século XIX, foi sendo disseminado, em diferentes narrativas, o que Queiroz (1992, p. 82) identificou como um "grande sentimento de injustiça e de impotência" compartilhado pelos produtores de café por não participavam do modo como queriam do governo central e que identificam maior influência de políticos do

BY NC SA

Nordeste do país e do Vale do Paraíba no Império. Tais elementos foram significativos para a construção do movimento separatista e florescimento do Partido Republicano Paulista que estavam atrelados à "nova glorificação da figura do paulista"[7].

Embora esse movimento não tenha obtido êxito, alguns elementos centrais permanecerem e reverberaram nas primeiras décadas do século XX, quando escritos sobre bandeiras possibilitaram a delimitação da "imagem" dos bandeirantes. Nesse período, autores provenientes do que Queiroz (1992, p. 82) denominou "velhas famílias paulistas", apresentavam em seus escritos um "claro orgulho da linhagem" como era o caso de José Alcântara Machado de Oliveira (1875-1941), Affonso d' E Taunay (1875-1941) e Alfredo Ellis Jr. (1896-1974)[8].

Em suas narrativas, esses e outros historiadores e escritores "proclamavam a importância e o valor dos filhos da terra", destacando "o pioneirismo, o espírito de iniciativa e bravura do cafeicultor" que estava "desbravando as matas para a nova cultura, implantando estradas de ferro, buscando nova mão-de-obra" e que seriam a continuação das virtudes que os bandeirantes haviam possuído, conforme destaca Queiroz (1992, p. 83).

A década de 1920 foi marcada, portanto, pelo *ufanismo paulista* expresso em obras desses historiadores que apresentavam rejeição tanto aos imigrantes, como aos outros brasileiros como ocorreu na dinâmica da caricatura construída a partir do anti-herói Macunaíma de Mário de Andrade (1893-1945). Para Queiroz (1992, p. 85), nesta década e nos dois outros momentos anteriores analisados, a "figura" do paulista e depois do bandeirante contém um "elemento primordial" que é sua "função diferenciadora no interior de uma coletividade", ou seja, os paulistas se distinguiam dos demais.

A concepção de "*bandeirante paulista*" havia circulado até a segunda década do século XX, segundo Queiroz (1992, p. 85), apenas num "âmbito intelectual restrito", entre "homens de letras" interessados na "história da região" ou inseridos

[7] Rodrigues (2009, p. 58) destacou que o Partido Republicano Paulista "celebra seu passado "glorioso" para a nação". Pode-se compreender essa construção de memória a partir dos interesses do partido, formado historicamente por produtores de café, e por sua participação articuladora no movimento de levante armado e nos debates constitucionalistas que fizeram frente ao Governo Provisório de Getúlio Vargas.

[8] Para Maia (2012, p. 109), Paulo Prado estava nesse "conjunto específico de escritores e intelectuais".

CC BY NC SA

na "renovação literária". Seria o movimento de "levante armado de 1932" e os embates na Constituinte de 1933/34 que potencializaram a projeção do "símbolo do bandeirante" para outros níveis sociais e trouxeram modificação de suas funções. Essa luta armada contra as forças do governo central do presidente Getúlio Dorneles Vargas exigia uma união entre os paulistas independentemente de suas posições sociais, pertencimento étnico ou mesmo nacionalidade.

Assim sendo, foi na década de 1930, numa conjuntura específica, que o "bandeirante" passou a ser efetivamente sinônimo de paulista, como elemento central do *ufanismo paulista,* capaz de unificar o "significado histórico" ao "significado geográfico", conforme conclui Queiroz (1992, p. 85). Alcançou-se desta forma o "êxito da figura do bandeirante", de acordo com Queiroz (1992, p. 86), desde que esse fosse paulista. A distinção dos paulistas se dava não apenas pelo poder econômico do estado, mas por serem "filhos do estado de São Paulo", detentores de "virtudes" que herdaram do passado de seus ancestrais bandeirantes, bem como do "civismo" expresso na luta do presente em busca da implantação de uma constituição em benefício do Brasil.

Portanto, Queiroz (1992, p. 85) identificou que, com o *ufanismo paulista* envolvido na conjuntura do movimento que envolveu o "levante armado de 1932" e embates na Constituinte de 1933/34, a noção de "raça privilegiada dos paulistas" se aplicava não apenas aos que possuíam origem histórica, mas aos outros que possuíam em "espírito" e "virtudes" ligações com os "antigos sertanistas". A autora destaca que o "surto separatista" da década de 1930 foi mais intenso que o do século XIX, potencializando o *ufanismo paulista* e sua permanência por décadas, mesmo após o insucesso do movimento. A concepção de "ser paulista" em distinção com o "ser brasileiro" somente se diluiu com o esforço da construção de uma "brasilidade" fomentada pelos discursos de Vargas e com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

Ademais, é importante destacar que a década de 1930 seria marcada concomitantemente pela ampliação de narrativas não apenas de historiadores que abordavam "bandeiras" e fomentavam o *ufanismo paulista*, mas daquelas produzidas por diferentes agentes históricos que tiveram como experiência viagens ao que

CC BY NC SA

passou a ser denominado "Brasil Central". Maia (2012, p. 108) destacou que além das obras publicadas pela *Coleção Brasiliana* outros escritos foram "produzidos sob a égide da recuperação paulista do bandeirantismo" e cujos expoentes foram os jornalistas Willy Aureli e Hermano Ribeiro da Silva, líderes de expedições cuja origem era São Paulo, na década de 1930, e que exploraram o "sertão" do Brasil Central e eram conhecidas como "bandeiras". Trata-se de uma dinâmica na qual narrativas como a de Couto de Magalhães - incluída na *Coleção Brasiliana* em 1934 - e de livros publicados por estes jornalistas traziam a percepção de um "inventário" acerca de um "Brasil Central contraditório e de limites indefinidos", construído "com base no registro da aventura", segundo análise de Maia (2012, p. 116).

Nesse sentido, é possível identificar que as narrativas produzidas e as expedições protagonizadas pelos jornalistas Willian Aureli (Willy) e Hermano Ribeiro da Silva, iniciadas na década de 1930, podem ser situadas como parte de um processo histórico marcado por um "*boom* da literatura bandeirantista" entrecruzado pelo *ufanismo paulista*.

Dentro dessa dinâmica é possível identificar que foi construída a noção da existência de protagonistas idealizados para avançar, se apropriar e narrar o Brasil Central. Maia (2012, p. 109) situa este "*boom* da literatura bandeirantista" como um fenômeno concomitante e derivado de um "surto de renascimento bandeirantista" que teria marcado a "vida intelectual brasileira e paulista" nas décadas iniciais do século XX.

Antes de avançar na análise de narrativas e das expedições conhecidas como "bandeiras", é fundamental compreender as suas especificidades dentro de um processo histórico mais amplo e que também envolvia meios de comunicação de massa como jornais e cinema, para além das obras lançadas.

Além dessa importante problematização sobre as especificidades de diferentes momentos do *ufanismo paulista,* Queiroz (1992, p. 85) apresenta uma reflexão fundamental para compreender a dinâmica através da qual, durante e após o movimento de "levante armado de 1932" e embates na Constituinte de 1933/34, se observou uma relação direta da utilização de meios de comunicação de massa com a

CC BY NC SA

ampliação e maior circulação das concepções sobre o "ser paulista" atrelado à noção de "bandeirante".

Através de jornais, revistas, cartazes, alto-falantes e rádio, se espalhavam notícias a um público maior que os leitores de livros sobre viagens ao Brasil Central e que traziam, segundo Queiroz (1992, p. 85), *slogans* de apoio à causa dos paulistas. Haviam discursos para que os paulistas se juntassem à luta, com apelos ao "espírito bandeirante", à herança heroica dos bandeirantes do passado como o Anhanguera "caçador de esmeraldas", bem como ao entendimento de que os paulistas construiriam o futuro por terem "virtudes" herdadas e serem, portanto, dignos de seus ancestrais.

Para Queiroz (1992, p. 87) essa construção de uma noção de "bandeirantes paulistas" dentro de um momento específico do *ufanismo paulista* estava ligada ao movimento de "levante armado de 1932" e embates na Constituinte de 1933/34 que também estiveram relacionados a intelectuais, dentre os quais jornalistas como Aureli e Ribeiro da Silva. Contudo, se tratando de narrativas jornalísticas e mesmo àquelas publicadas em livros, carecem de análises pormenorizadas para se possa compreender, de fato, as *relações de poder* que as atravessaram.

No documento "*Sinopse dos trabalhos realizados pela "Bandeira Piratininga" nos sertões brasílicos da bacia Pre-Amazonica – No Vale do Araguaia e Rios das Mortes e Tapirapé, desde o ano de 1937 até o ano de 1963*", Aureli (1966, p. 01) afirma que aquela "empresa" foi "fundada" no dia 25 de janeiro de 1937. Naquele ano ocorreu a primeira expedição na qual, segundo o jornalista, desceram o Rio Araguaia e subiram o Rio das Mortes realizando um "levantamento meticuloso do percurso, descobrindo e fixando todos os seus afluentes", além de "colher" "meticulosas observações de caráter etnográfico junto a até então pouco conhecida tribo dos Karajás, assim como realizou a primeira coelheira glotológica dessa raça". Tais feitos foram levados "à coletividade" através da "Folha da Noite" da época, onde "foram escritas cerca de cem reportagens que despertaram desusado interesse".

Nesta narrativa é possível identificar alguns dos elementos centrais problematizados por Queiroz (1992) ao abordar o *ufanismo paulista* das primeiras décadas do século XX. A autora destacou que o fenômeno exaltava,

CC BY NC SA

concomitantemente, aquilo que era considerado como "virtudes" dos bandeirantes tanto do passado quanto daquele presente no qual a ênfase recaia sobre o protagonismo dos paulistas diante de uma lógica em que a "civilização" e a "modernidade" eram parâmetros de uma ciência que identificava "raças" e buscava a "imediata utilidade" do conhecimento.

Em sua narrativa, Aureli (1966, p. 01) indicava que suas ações junto à "Bandeira Piratininga" atrelavam o desafio de avançar sobre os "sertões" do Vale do Araguaia e Rio das Mortes que seriam desconhecidos, "descobrindo" e "fixando" os afluentes de rios, ou seja, trazendo contribuições para a geografia e cartografia do Brasil tal qual ocorreu com os bandeirantes paulistas que percorriam os "sertões" da colônia portuguesa. No livro "*Roncador*", Aureli (1962a, p. 96) afirma que na primeira expedição de 1937 chegaram a dar o nome de "Piratininga" a um rio afluente do Araguaia.

Ademais, considerava que o contato com *o outro* permitia que fizesse, pela autoridade de apenas "estar lá", observações etnográficas meticulosas e "colheitas" glotológicas, ou seja, captando palavras da língua do povo indígena Iny, chamados de Carajá pelos não indígenas. O jornalista fazia questão de enfatizar que estes seriam "pouco conhecidos", ainda que existam registros e narrativas de contato com não indígenas de mais de dois séculos antes da "Bandeira Piratininga", como pode ser identificado em pesquisas antropológicas e históricas compiladas por Rosa (2020).

Entretanto, o apelo à ideia de "pioneirismo" estava presente em narrativas sobre Aureli. Na reportagem "*A Expedição de Willy Aureli Desperta Curiosidade em Londres*" da *Folha da Manhã* (24/05/1937, p. 1) ficou destacado que "a finalidade da Bandeira Piratininga é o desbravamento de uma zona ainda completamente virgem, de modo a desvendar aos olhos atônitos da civilização toda a arcaica beleza que o mistério envolve na atualidade".

No livro "*Roncador. Expedição da Bandeira Piratininga*", Aureli (1939, p. 58) indica em sua narrativa que quando foi a Goiás e teve o "primeiro contato" com o Rio Araguaia teve a impressão que "Tudo em Goiás e antigo, cheira aos primórdios da colonização e a penetração dos primeiros bandeirantes".

BY NC SA

A partir destas e outras fontes documentais pode-se indicar que a "Bandeira Paratinga" compartilhava concepções de parte da Imprensa Paulista ligadas ao *ufanismo paulista,* da qual recebeu apoio decisivo para sua primeira expedição. Ainda que brevemente, tal aproximação será apontada a seguir.

4. A exaltação do "pioneirismo" da "Bandeira Piratininga" antes da Marcha para o Oeste de Vargas e de Willy Aureli como "desbravador", "bandeirante" e "sertanista"

Aureli (1966, p. 01) inicia sua "*Sinopse dos trabalhos realizados...*" indicando a data da fundação e afirmando que a "Bandeira Piratininga" "foi a primeira a romper a Marcha para o Oeste", desconsiderando as expedições realizadas pela "Bandeira Anhanguera" que foram anteriores à primeira realizada em 1937 pelo movimento que liderou.

Nesse documento, escrito durante a Ditadura Militar, dois anos antes de sua morte, Aureli (1966, p. 01) traça um panorama sobre as ações da "Bandeira Piratininga" e a coloca como a "primeira" ação ligada à Marcha para O Oeste que seria lançado oficialmente em 1938, no ano seguinte à primeira expedição. Nesse documento, o jornalista afirma que aquele movimento seria norteado por um ideal e não era uma "simples aventura", destacando que suas ações teriam ocorrido dentro de um "sentimento de profunda brasilidade", um termo amplamente divulgado por Vargas para divulgar o projeto da Marcha para o Oeste, a união e a identidade do "ser brasileiro".

Em narrativas posteriores àquela primeira expedição de 1937, a ideia de que a "Bandeira Piratininga" foi "pioneira" da Marcha para o Oeste aparece atrelada à exaltação dos feitos de seu líder Aureli. No livro "*Sumaúma: Roteiro Indianista*" a "fundação" da "Bandeira Piratininga" é narrada a partir de sua finalidade de "alcançar o conhecimento do sertão brasileiro, através de seu pioneirismo na "marcha para oeste", conforme nota de Aureli (1966, p. 39). No prefácio dessa obra, Fernandes Soares (1966, p. 08) destacava a atuação do colega em sua "saga" descrita como perpassada de "esforços e sacrifícios no desbravamento desse Brasil, que

CC BY NC SA

Aureli vem descobrindo desde 1937" que teriam levado à "coletividade brasílica" as potencialidades "graças à obra fecunda dos pioneiros que adentraram as veredas abertas a duras penas por Aureli e seus corajosos acompanhantes".

Ademais, na mesma nota, Soares (In: Aureli, 1966, p. 07) indica que, na sua concepção, "o conhecido sertanista tornou-se o escritor das grandes massas" com "sucessivas edições de suas obras, várias das quais já superaram os cem mil exemplares". Nesse sentido, é possível identificar que Aureli possa ter se inserido no "*boom*" literário de narrativas sobre expedições ao "Brasil Central", sendo associado também à noção de que, além de jornalista e escritor, se tornou um sertanista.

Numa reportagem de 1957 do jornal *A Gazeta*[9], o jornalista Afonso Schmidt o chamou de "Jack London dos sertões brasileiros", exaltando que, até aquele ano, a "Bandeira Piratininga" tinha feito oito expedições " na direção Oeste" que "depois de conhecida, começa a povoar-se rapidamente". Schmidt (1957, p. 09), na nota explicativa da obra "*O rio da Solidão*", categorizava Aureli como um "sertanista" que "como os desbravadores do passado, fundou povoados, plantou roças, abriu estradas e caminhos que hoje são percorridos pelos primeiros habitantes".

Aureli (1962a, p. 29) destaca na narrativa do livro "*Roncador*" que as "pegadas dos rapazes" da "Bandeira Piratininga" não seriam apagadas e "jamais, poderá negar-lhes o exemplo de virtudes e de estoicismo, apanágio de uma raça que sabe ser forte e que o Destino designou para grandes e estupendos feitos". Seu filho, Brunilde Aureli Brito (1973, p. 07-08), na nota explicativa do livro "*Bugres no rio das Mortes*", destaca a figura do pai como "um dos últimos bandeirantes".

Estas e outras narrativas indicam que elementos centrais do *ufanismo paulista* da década de 1930 se propagaram e foram reproduzidos em narrativas posteriores, contudo, desde a segunda expedição, ocorreram mudanças nas *relações de poder* envolvidas no movimento que podem ser mais bem identificadas em outras análises.

[9] **SCHMIDT, Afonso. [Reportagem].** Willy Aureli descobre o Rio da Solidão**. Jornal A Gazeta. 26 de julho de 1957.**

BY NC SA

Considerações

Ao analisar narrativas jornalísticas relacionadas às ações da primeira expedição da "Bandeira Piratininga" em meio a um contexto marcado pelo "levante de 1932" e embates na Constituinte de 1933/34, foi possível identificar alguns elementos das *relações de poder* coevas, bem como a existência do *ufanismo paulista* característico daquela década.

O movimento do *bandeirantismo* marcou a década de 1930 com a exaltação da figura do "bandeirante" como o protagonista da expansão e domínio do dito "sertão", situado longe do litoral, cidades, modernidade e da "civilização", sendo categorizado como "Brasil" Central". Naquela década, o *ufanismo paulista* repercutia em diversas narrativas jornalísticas da imprensa de São Paulo com a utilização da adjetivação "paulista" ao "bandeirante" do passado e aos expedicionários do presente, com a exaltação de virtudes que se adaptavam aos projetos de Nação e ideias de modernidade coevos. Todavia, na mesma década, em discursos de Vargas ligados à Marcha para o Oeste, o "bandeirante" era portador da "brasilidade" conquistada através da sua "cruzada" em busca de unidade política e econômica.

E é nessa dinâmica que é possível compreender as narrativas jornalísticas sobre as ações da primeira expedição da "Bandeira Piratininga" que ocorreu em 1937, antes da oficialização da Marcha para o Oeste. A exaltação do pioneirismo do seu líder, o jornalista Aureli, bem como a sua aproximação e comparação com os "bandeirantes" do passado pode ser atrelada à indicação de "virtudes" do presente no qual parte da imprensa paulista compartilhava de ideias próprias do *ufanismo paulista* daquela década.

Após a primeira expedição de 1937, a "Bandeira Piratininga" desenvolveu diversas atividades até a década de 1960. Na segunda expedição, realizada em 1938, ocorreu uma aproximação maior desse movimento com relação ao presidente Vargas e seu interventor em São Paulo, embora tenham ocorrido tensões envolvendo órgãos do Governo Federal. Aureli (1966, p. 01) destacou que, entre 1939 a 1942, o movimento teria se dedicado à "parte cultural" da "Bandeira Piratininga" com a

BY NC SA

produção do filme "No reinado dos Xavante" e uma série de reportagens na "*Folha da Noite*", com expedições realizadas em 1943, 1945 e entre 1946-1947. Além da elaboração de mapas e outras produções, na década seguinte, outras expedições ocorreram em 1950, 1951, e entre 1957 a 1958, finalizando com uma entrada em 1959. Por fim, nos anos de 1960, e entre 1961 a 1962, finalizando em 1964 o avanço sobre o dito "sertão", conforme Rosa (2020, p. 374).

Em meio à tais expedições, a "Bandeira Piratininga" se dedicou à "parte cultural" na organização de coleções, mapas, produzindo filmes, realizando palestras e publicando notícias e livros. Ao longo dessas décadas, o movimento foi reconhecido como uma "entidade" de Trata-se de uma entidade de Utilidade Pública do Governo do estado de São Paulo, pela Lei 538 de Dezembro de 1949 e por outra do Governo Federal pela Lei 1.531-B de dezembro de 1951", como destacou Aureli (1966, p. 01). Essa ênfase de Aureli na conquista da legalidade do movimento é reflexo de complexas *relações de poder* que envolvia os expedicionários em controvérsias com outros "sertanistas", bem como com etnólogos, militares, religiosos e indigenistas que necessitam de outras análises aprofundadas para evitar generalizações, afinal, a "Bandeira Piratininga" existiu por décadas.

Em diferentes fontes documentais é possível identificar que a "Bandeira Piratininga" esteve envolvida em *disputas de poder* com outras expedições, como a "Roncador Xingu", sobretudo no que diz respeito ao "pioneirismo" das explorações dos "sertões". Tanto o "pioneirismo" quanto o conhecimento do "sertão" do "Brasil Central" eram centrais para o argumento de autoridade utilizado por Aureli para se defender em meio às disputas de poder que marcaram o ano de 1938.

Referências Bibliográficas

ABUD, Katia Maria. *O sangue intimorato e as nobilíssimas tradições:* a construção de um símbolo paulista. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1986.

KURTZ, Leonardo Birnfeld. *Willy Aureli e a Bandeira Piratininga:* Expedições, imprensa e literatura (1937-1968). Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2023.

CÂNDIDO, Antônio. Prefácio. In: MORAES, Joaquim de Almeida Leite. *Apontamentos de viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAPELATO, Maria Helena. *Arautos do Liberalismo:* imprensa paulista 1920-1945. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CHARTIER, Roger. *A história Cultural*: entre práticas e representações. Tradução Maria Manuela Galhardo. 2 ed., Lisboa: Difel, 2002.

ERTZOGUE, Marina Haizenreder; ZAGALLO, Ana Daisy Araújo; RAMOS JUNIOR, Dernival Venâncio. A invenção do sertão: viajantes e barqueiros navegando pelo Araguaia. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, v.11, n. 1, pp. 42-59, jan.-jun., 2018.

GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Sertão, fronteira, Brasil:* imagens de Mato Grosso no mapa da civilização. Cuiabá-MT: Entrelinhas: EdUFMT, 2012.

KURTZ, Leonardo Birnfeld. *Willy Aureli e a Bandeira Piratininga:* Expedições, imprensa e literatura (1937-1968). Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2023.

LIPPI, Lúcia. Prefácio. In: MAIA, João Marcelo Ehlert. *Estado, território e imaginação social:* o caso da Fundação Brasil Central. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2012.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. (Org) *Fontes Históricas.* São Paulo: Contexto, v. 210, p. 111-153, 2005.

MAIA, João Marcelo Ehlert. *Estado, território e imaginação social:* o caso da Fundação Brasil Central. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2012.

MAIA, João Marcelo Ehlert. Fronteiras e state-building periférico O caso da Fundação Brasil Central. In: *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 35, n. 69, p. 895-919, 2019.

MAIA, João Marcelo Ehlert. Governadores de ruínas: os relatos de viagem de Couto de Magalhães e Leite Moraes. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 40, p. 3-23, jul.-dez. 2007.

MURARI, Luciana. A paisagem invisível: em busca da serra do Roncador. In: *Tempo,* Niterói, Vol. 30, n. 1, 2024.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Ufanismo paulista: vicissitudes de um imaginário. In: *Revista Usp,* n. 13, p. 78-87, 1992.

RODRIGUES, João Paulo. *Levante "Constitucionalista" de 1932 e a força da tradição. Do confronto bélico à batalha pela memória (1932-1934).* Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis-SP, 2009.

CC BY NC SA

ROSA, Juliana Cristina da. *Sertão de fogo à espera do progresso anunciado.* As representações sobre *o outro* e as relações de poder no processo de apropriação do espaço e uso da natureza em Luciara, Mato Grosso. Tese [Doutorado em História], Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá-MT, 2020.

TURIN, Rodrigo. O "selvagem" entre dois tempos: a escrita etnográfica de Couto de Magalhães. *Varia Historia,* Belo Horizonte, v. 28, n. 48, pp. 781-803: jul/dez 2012.

VELHO, Octavio Guilherme. Capitalismo Autoritário e Campesinato. Um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento. 2. ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Difel Difusão Editorial S.A. Coleção Corpo e Alma do Brasil, 1979.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História,* v. 4, 1985.

Fontes Documentais

AURELI, Willy. [Documento datilografado]. *Sinopse. Dos trabalhos realizados pela "Bandeira Piratininga" nos sertões brasílicos da bacia Pré-Amazônica – no Vale do Araguaia e Rios das Mortes e Tapirapé, desde o ano de 1937 até o ano de 1963*. 1966. Arquivo do Instituto Socioambiental (ISA), Código 0QD00078.

AURELI, Willy. *Bandeirantes d'Oeste.* 2. ed., São Paulo Edições Leia, 1962b.

AURELI, Willy. *Bugres no rio das Mortes:* Poranduba – Notícias do Sertão. Notas explicativas de Brunilde Aureli Brito. São Paulo: Clube do Livro, 1973.

AURELI, Willy. *Roncador*. Expedição da Bandeira Piratininga. Edições Culturas Brasileiras, 1939; 8 ed. São Paulo: Edições Leia, 1962a.

AURELI, Willy. *Sumaúma:* Roteiro Indianista. Nota explicativa de Fernandes Soares. São Paulo: Clube do Livro, 1966.

AURELI, Willy. *Terra sem sombra*. São Paulo: Editora Saraiva, Coleção Saraiva 53, 1952; 2. ed. São Paulo: Edições Leia, 1964.

A TRIBUNA [Notícia] Prohibida a "Bandeira Piratininga" de prosseguir suas explorações. Ano 1938, Edição 00137 (1), 02/09/1938, p. 01.

A TRIBUNA [Nota] *Recebida pelo presidente da República uma commissão da Bandeira Piratininga*, Ano 1937, Edição 00216 (1), 28/10/1934, p.18.

BRASILEIRO, Francisco. *Na Serra do Roncador* (A Vanguarda da Bandeira Anhanguera). Francisco Brasileiro. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 1938.

CORREIO PAULISTANO – SP [Notícia]. *"A bandeira Piratininga no cine S. Bento".* Edição 25167 (1), 27/03/1938, p.13.

CORREIO PAULISTANO – SP [Notícia]. *"Assembléia Legislativa do Estado".* Ano 1937. Edição 24926. 17/06/1937, p. 06.

CORREIO PAULISTANO – SP [Notícia]. *"Bandeira Piratininga".* Ano 1937. Edição 24925. 16/06/1937, p. 15.

CORREIO PAULISTANO – SP [Notícia]. *"Nas selvas do Rio das Mortes".* Ano 1938. Edição 25135. 17/02/1938, p. 05.

CORREIO PAULISTANO – SP [Notícia]. *"Um filme dos modernos bandeirantes".* Ano 1938, Edição 25166 (1), 26/03/1938, p. 07.

CORREIO PAULISTANO – SP [Notícia]. *"Um filme sobre a "bandeira Piratininga".* Edição 25164 (2). 24/03/1938, p. 10.

CORREIO PAULISTANO – SP [Notícia]. *"Um filme sobre a "bandeira Piratininga".* Edição 25164 (2). 24/03/1938, p. 04 e 10.

CORREIO PAULISTANO – SP [Notícia]. *"Um filme sobre a excursão da bandeira Piratininga".* Ano 1938. Edição 25140. 23/02/1938, p. 02.

CORREIO PAULISTANO – SP [Propaganda]. Edição 25168 (1), 29/03/1938, p.08.

ESTADO DE SÃO PAULO. [Certidão] *Certidão de Óbito.* N. 52600, fls 206, livro n. 94-0 de William Aureli. São Paulo-SP, 3 de setembro de 1968.

FOLHA DA MANHÃ [Nota] Mais Ofertas aos Expedicionários da "Bandeira Piratininga". Ano 1937, Edição 4.048, 28/05/1937, p. 18.

FOLHA DA MANHÃ [Notícia] A Expedição de Willy Aureli Desperta Curiosidade em Londres. Ano 1937, Edição 4.047, 24/05/1937, p. 1.

Correio Paulistano – SP [Notícia]. *"A "Bandeira Piratininga" em Goyaz".* Ano 1937. Edição 24944. 08/07/1937, p. 05.

MAGALHÃES, Couto de. *O selvagem.* Rio de Janeiro: Typographia da Reforma, 1876.

MAGALHÃES, Couto de. *Viagem ao Araguaia***.** 6. ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1957. (Brasiliana, v. 28).

MORAES, Joaquim de Almeida Leite. *Apontamentos de viagem.* De S. Paulo á capital de Goyaz, desta & dú Pará, pelos rios Araguaya e Tocantins, e do Pará á Corte. Considerações administrativas e políticas. 1882.

CC BY NC SA

NOGUEIRA, Luciana. [Nota] *A Bandeira Paulista*. Jornal A Tribuna, Ano 1934, Edição 00216 (1), 28/10/1934, p. 18.

RIBEIRO DA SILVA, Hermano. *Garimpos do Mato Grosso*: Viagens ao Sul do Estado e ao lendário rio das Garças. São Paulo: Editora Saraiva. Coleção Saraiva 78, 1954.

RIBEIRO DA SILVA, Hermano. *Nos Sertões do Araguaia*: Narrativas da Expedição às Glebas Bárbaras do Brasil Central. São Paulo: Editora Saraiva, Coleção Saraiva 3, 1948.

LEITE, Cassiano Ricardo. *Marcha para Oeste***.** A influência da "Bandeira" na formação social e política do Brasil. 4 ed. Volume II. Rio de Janeiro, Editora da Universidade de São Paulo. Livraria José Olympio Editora, Coleção Documentos Brasileiros, 25 A, 1970.

SCHMIDT, Afonso. [Reportagem]. *Willy Aureli descobre o Rio da Solidão.* Jornal A Gazeta. 26 de julho de 1957.

VARGAS, Getúlio. *A nova política do Brasil.* Retorno à Terra Natal. Confraternização sul-americana. A revolução comunista. Novembro de 1934 a julho de 1937. Volume IV. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1937.

VARGAS, Getúlio. Discurso do Rio Amazonas. In: *Revista Brasileira de Geografia.* v. 4, n. 2, p. 259-262, 1942.

Recebido em: 29/09/2025.

Aprovado em: 21/04/2026.